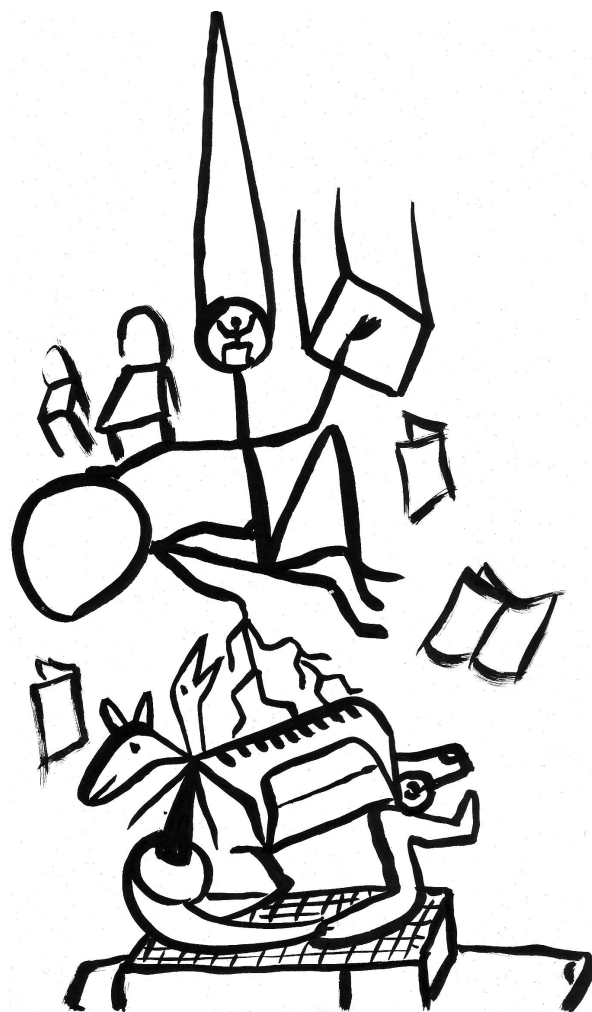


Leitura em velocidade furiosa ou Uma outra realidade

Há uma linha que separa o meu bairro da esquadra.
Há uma linha que separa o meu carro da estrada.
Eu gosto de carros para os escafiar,
conheci grande paílla no GTA,
Bati na rampa, o volante prendeu,
dei marcha atrás na rotunda e rebentei um pneu.
Já vi um acidente no parque nascente,
estive no vídeo Gaia-Chelas mas não estava à frente,
o Panamera não era meu mas vi-o por dentro,
estou lá no sítio certo, mas nunca no centro.
E o que comprou um Mercedes e ofereceu embrulhado,
já viste o trabalho?
O Mercedes é caro
mas e o trabalho que dá embrulhar um carro?
Sobra-me o número 13 - azar deles - minha sorte,
a base 51 - *aliens* sem passaporte,
a hora 4:20 - não vale a pena dizer
ou o 2045 vem perguntar porquê.
Só quero sair, não vou roubar mais,
quero poder jantar com os meus pais,
puxar ferro, dormir e comer,
estar à vontade no wc.
Mas até lá não rimo mais,
porque dinheiro não rima com bairro,
e casa não rima com arame farpado,
e delinquente não rima com o meu nome.
Chegar a casa é ver tudo diferente,
os miúdos estão maiores, há casamentos,
e o tecto do meu quarto parece cada vez menor.
Não me digam «nunca», eu não vivo devagar.
Não me digam que vou perder antes de começar a jogar.
Ser livre é poder comer as frutas da sangria,
e o melhor do Aleixo são os bolos daquela pastelaria.



Leonor Figueiredo com as palavras de Nandinho, 420, John Player, Faray, Illuminati, Bolinhos,
Brankinho, Biel, Zezé. Ilustração de PAM no Centro Educativo Santo António.

Preciso dos papéis



Níger, Etiópia ou Turquia: deixámos tudo para trás.
Para vir trabalhar aqui, sair das garras da miséria,
Escapar às guerras, aos combates, ao medo que reina por toda a parte.
As coisas que nem imaginávamos, antes de caírem sobre nós.
Poder comer, não mais ter medo, trabalhar, ganhar dinheiro,
Dormir todas as noites algumas horas; ver crescer as nossas crianças.
Oferecer-lhes um mundo melhor para que jamais precisem de tremer,
Para que o nosso amor protector baste para as proteger.

Quando tivermos os papéis, as coisas irão. Já não teremos de esperar
Sem sabermos se ficaremos cá. Sem sabermos se virão buscar-nos.
Todas estas centenas de quilómetros, para esta angustiante lotaria:
Dizem-nos: «não tenho a certeza» ou «talvez», mais raramente «compreendo-vos.»

Era difícil lá na terra. Senão teríamos ficado.
Não é o Erasmus, nós fugimos. A única escolha era fugirmos.
Há pessoas que viajam. Mas connosco não foi assim.
As lembranças como única bagagem. Nunca mais nos sentirmos em nossa casa.
Metemo-nos por caminhos bem sombrios e era ainda pior por mar.
Por vezes, tornámo-nos sombras. As nossas vidas eram baratas.
Aqui, julgávamo-nos tranquilos. Mas não sabemos até quando.
Alimentai a esperança, ela cresce; deixá-la morrer mata as pessoas.

Quando tivermos os papéis, as coisas irão. Já não teremos de esperar
Sem sabermos se ficaremos cá. Sem sabermos se virão buscar-nos.
Todas estas centenas de quilómetros, para esta angustiante lotaria:
Dizem-nos: «não tenho a certeza» ou «talvez», mais raramente »compreendo-o.»

Lá na terra, se um parente morrer, já não lhe posso dizer adeus.
Ir saudar um irmão, uma irmã, uma mãe, um pai, só na nossa memória.
Já não tenho lágrimas em mim porque não sinto compaixão
Naquele que trata do meu caso nos serviços da administração.
Aprender francês no Cardan, não foi realmente nada fácil.
Mesmo se a Sylvie, sorrindo para mim, tentava fazer-me crer que estava tudo bem.
A integração, outro périplo, mas daqui a umas longas semanas
Saberei escrever a palavra «futuro» noutra língua que não a minha.

Quando tivermos os papéis, as coisas irão. Já não teremos de esperar
Sem sabermos se ficaremos cá. Sem sabermos se virão buscar-nos.
Todas estas centenas de quilómetros, para esta angustiante lotaria:
Dizem-nos: «não tenho a certeza» ou «talvez», mais raramente »compreendo-o.»

**Uma canção de Fatma Yayilkan, Jennifer Agbonghea, Milkii Abdi,
Kamal Edao, Kamaal Mudasir, Sylvie Delattre e Gilles Larher.
Tradução de João Rodrigues. Ilustração de Madeleine Bui.**

Os cavalos de fogo

Em primeiro lugar, temos a Cathy, que, pela primeira vez na vida, foi assediada por uma mulher. Quinta-feira, no autocarro, uma mulher pôs-se a olhar para ela, depois a fixá-la de forma insistente, antes de lhe dar o seu número de telefone. A desconhecida ficou completamente vidrada pela Cathy, ao ponto de a seguir da paragem até uma loja, e depois num outro autocarro. Um inferno. A mulher não largava a Cathy, e a Cathy não sabia o que fazer, foi muito constrangedor. Ela não tem nada contra, respeita as orientações de cada um, mas aquilo foi inesperado. Estás a imaginar a Cathy a correr até ao Jardim Zoológico, a refugiar-se entre os lémures e os tapires, a esconder-se atrás de um animal gigantesco, uma espécie de híbrido entre um porco e um carneiro? Depois ela começou a entrar em paranóia e escondeu-se.

O Jean-Michel é diferente, ou melhor, o Jean-Michel Polnareff para os amigos, conhecido como Jean-Michou para os lados de Elbeuf. Para uma festa de vizinhos decidiu tirar do sótão a sua peruca, uma bela peruca loura que ia até aos ombros. Nós nem queríamos acreditar, mas ele insistiu, e levámo-lo a sério. Ele só pensava no seu encontro com o público às 18h00. Já se via a aparecer à frente da multidão com a sua bela cabeleira.

Aliás, por falar em cabelos, a Cindy tem uns lindos cabelos, compridos e verdadeiros. Uma verdadeira *Manos des Sources*, longe do seu Sul. E não é por acaso que ela tem os argumentos capilares tão prolíficos. Foi por causa dos piolhos, uns piolhos nojentos que ela teve quando era miúda e que levaram a mãe dela a rapar-lhe o cabelo. Estão a imaginar, a pobre rapariga, na escola, de cabeça rapada, obrigada a usar um boné, cheia de vergonha e triste. A partir daí ela jurou que nunca mais os cortaria. Só quebrou a promessa



quando nasceu um dos seus filhos, um corte à tijela, que a levou às lágrimas, de tão curto que ficou.

Enquanto a Cathy pensa na sua louca, o Jean-Michou prepara-se para nos cantar *Les Corons* e *Je Te Promets* no karaoke de Elbeuf às 18h00 com os «cavalos de fogo» na cabeça. A Cindy lembra-nos que se não temos nada a dizer na internet, o melhor é ficarmos calados! Ela também diz que o mais difícil, quando se educa as crianças hoje em dia, são os ecrãs. Estamos todos de acordo, mas os pais deviam dar o exemplo e largar o seu device, como dizem ao americanos.

Estávamos à procura da Cathy no Jardim Zoológico quando toda a gente, ou seja, a Cindy, a Sophie, a Sylvie, a Valérie e a Valérie, o Didier, o Guilain, o Jean-Michel e este vosso criado, pararam à frente de uma família de cisnes negros. O pai e a mãe estavam separados das suas duas crias por um arame. Uma das crias não parava de ir e vir através do arame, enquanto o seu irmão ou sua irmã teimava, pelo seu lado, em viver pequenas aventuras sob o olhar de pânico da mãe, impotente por causa da separação. O pai cisne, esse, estava-se completamente nas tintas.

Hafid com Cathy, Cindy, Sophie, Sylvie, Valérie e Valérie, Didier, Guilain, Jean-Michel et em Elbeuf.
Tradução de Isabel Lopes Cardoso. Ilustração de Madeleine Bui.

Em vez de escrever maçã, escrevo poema

Como entrada, cenoura ralada.

Era preciso medir o tamanho do campo de cenouras laranja para as subvenções da PAC. Laranja, como o sol de Inverno. Não muito tempo. Nunca muito tempo num trabalho. Porque eu fugia. Fiz o mes-trado, mesmo assim, e então puseram-me a recensear galinhas, vacas e tractores, nas quintas. Mas eu fugia. Então meteram-me num call-center. Um inferno! Aguentei três semanas. Depois fui adjunto administrativo. A mesma coisa. Fugia. Na verdade, julgo que fugia do trabalho, ou seria o trabalho que fugia de mim?

Como prato de resistência, coelho com batatas fritas e vinho tinto.

Porque é domingo. Um domingo vermelho como uma garrafa de Bordéus na minha cabeça estrelada. Um domingo vermelho como as batatas na árvore de Montdidier. Poderia esquecer o Bourbon Four Roses do aperitivo. Mas nunca esquecerei o teu vestido cor-de-rosa, as tuas maçãs do rosto rosadas, nem as margaridas branco e rosa que oferecerei às raparigas da Primavera fazendo-lhes uns mimos. Eu não sou um tipo mau.

Domingo vou votar. Cor-de-rosa? Vermelho? Azul? Votar é um direito, e uma escolha, para tentar melhorar a nossa condição. O capitão, ele diz que vai votar pelos cocós de cão da Marinha. Eu não.

De quem é o ski que passou a dois dedos da minha mãe? É sempre assim, é como quando os aviões aterram: o medo, o medo do amanhã, a angústia de que a vida nos reserva ainda uma má surpresa, a vida com os seus segredos de família, a sua hereditariedade escondida e os seus maus-tratos, a directora que me dava bofetadas porque em vez de escrever maçã escrevo poema. Eu não avançava suficientemente depressa. Eu não era rentável. Fui visto por psicólogos, por ortofonistas. Antes de ir, enchia o bandulho de leite, para que a minha cabeça parasse de magicar. Mas, na verdade, o que é que nos torna diferentes? Uma coisa no cérebro que se vê na radiografia? Eu não sou um tipo mau!

Queijo e sobremesa. Camembert-Marouilles e bolo.

Fazia escalada, sonhava descer em pára-quedas, e quando acordei, dei com o meu companheiro de quarto morto na sua cama, sem ter tido tempo de apreciar o bolo até ao fim. A vida que nos faz oscilar. A vida que nos dá empurrões.

Era antes. Eu não tinha ainda encontrado aquilo que procurava. Agora, sou cavaleiro branco, instalado no Castelo Branco, e beijo a mão de Cécile, a Duquesa Branca, sob o sol azul, ao pé da árvore de folhas violeta. A vida retomou as cores. Amanhã, escreverei por fim. Contarei o que me aconteceu no passado, e que era tão difícil de esquecer. Ainda ontem tinha 20 anos... À noite, lia o meu livro de história da França e dizia para comigo: não é possível que tudo isto tenha acontecido. Em breve, será a minha história que relirei, dizendo para comigo que é bem possível que tudo isto me tenha acontecido.

Muitas pessoas têm ideias feitas sobre nós. Mas eu vou dizer-vos uma coisa: dois intelectuais sentados nunca irão tão longe quanto um bronco que caminha.

Eu não sou um tipo mau.



Gérard Alle com Pierre, Chrystel, Marie-Christine, David, Dominique, Cécile, Awa, Thierry, Reynald. Tradução de João Rodrigues. Ilustração de André Zetlaoui.

O avesso do cenário

Por vezes as coisas não são
aquilo que dão a ver
Por vezes as coisas deveras são
o avesso do que nos é mostrado
Até a lua cheia no pino do Verão
tão clara a resplandecer
é escura do outro lado

A liberdade foi-nos dada
como diz o pensador
mas logo nos iria ser roubada
pelo pão de cada dia esse ladrão
ganho com o nosso suor
Na verdade, a liberdade
ainda não foi mesmo inventada...

É na prisão curiosamente
que a liberdade se revela
graças ao desejo de evasão
A parede mais difícil de furar
é aquela que não se vê
mas garante a reclusão
Só podes evadir-te mentalmente...

Refrão:

*Os que estão dentro não sabem
a sorte que têm
cama comida e roupa lavada
e direito à protecção
sem outra tarefa que não
descobrir a liberdade dos encarcerados
o avesso das grades e dos cadeados*

É que a verdadeira prisão
cola à cabeça do preso
a jaula que lhe deram à nascença
Cada parede é um desejo aceso
um fracasso uma frustração
um querer uma descrença
As grades são a sombra do seu medo

Roupas de marca e um carrão
não fazem a felicidade
Nem Adidas leva ao paraíso
nem Nike faria feliz Adão
Ser diferente por provocação
correr o risco do riso
assusta quem sofre de desigualdade

Estar preso é a aspiração
do homem que quer curtir
conquanto da prisa possa sair
sem ser rejeitado para a margem
Com outro nome são também prisão
trocando tintas à imagem
a escola, a fábrica e a repartição

Refrão:

*Os que estão dentro não sabem
a sorte que têm
cama comida e roupa lavada
e direito à protecção
sem outra tarefa que não
descobrir a liberdade dos encarcerados
o avesso das grades e dos cadeados*

Estás preso por causa do preço
da ganza, das rodas, da coca
roubaste ou apenas traficaste
consumiste e depois não pagaste
No dia em que a droga for legal
em que for legal a moca
esvaziam-se as prisões de Portugal

Porque as drogas mais viciantes
são a pasta, o sucesso, o poder
a prova é que aqueles que provaram
acharam ouro e glória inebriantes
como os junkies ficaram agarrados
Comem e choram por mais
tão fracos como o resto dos mortais

Ganza cavalo crack ou cola
são tão-só medicamentos
contra a doença do trabalho
o vírus de todos os pagamentos
a febre do que ganho é o que valho
o salário pura esmola
em troca de constante sofrimento

Refrão:

*Os que estão dentro não sabem
a sorte que têm
cama comida e roupa lavada
e direito à protecção
sem outra tarefa que não
descobrir a liberdade dos encarcerados
o avesso das grades e dos cadeados*



Se esta cantiga te animou
te divertiu te distraiu
não ouses cantá-la em voz alta
Se todo o mundo viesse a saber
que toda a liberdade que lhe falta
está escondida na prisão
seria a invasão em vez da evasão

Não é que os betos e os burgueses
busquem liberdade ardentemente
- ela mete medo a muita gente -
mas esses sovinas haviam de querer
ir de férias cá dentro e já não fora
poupar graças aos malteses
pois pensam no graveto a toda a hora

Fora dos muros das cadeias
é quase impossível ter ideias
ter gostos e objectivos pessoais
Os media tudo moldam e só nos dão
exemplos de obscena corrupção
Perante tanta impunidade
apetece renunciar à liberdade...

Refrão:
Os que estão dentro não sabem
a sorte que têm
cama comida e roupa lavada
e direito à protecção
sem outra tarefa que não
descobrir a liberdade dos encarcerados
o avesso das grades e dos cadeados

Saguenail com palavras de Almeida, Brito, Joel, Kiki, Lopes, Maganinho, Peto, Vieira,
e a ilustração orientada por Miguel Carneiro no Centro Educativo Santo António.

História de outro macaco



Quem disse que uma garota de dez anos nada tem a ver com um macaco barbudo e de rabo comprido? De um lado, a Soraia, entrando na loja do barbeiro – «Anda, faz-me a barba! Quero ficar com a cara muito mais lisa e arejada.»

Do outro lado, o Promise, que era o barbeiro da rua, havia já muito tempo – «Ai faço, faço!» E já estava.

Agora, o preço – «São cinquenta e nove bananas, bem maduras!»

«Cinquenta e nove bananas?... Não pago!»

Gritou um. Gritou o outro. E... Zás! Um golpe da navalha de barbear e lá se foi o rabo.

«Grande malandro!... Ah, mas não fazes outra, levo-te a navalha!»

E o macaco saiu da loja a gritar – «Do rabo fiz navalha!»

Mas para que queria ele a navalha do barbeiro? Não lhe dava jeito para nada!

Entrou no armazém do Gabriel. Pevides, tremoços, grão e feijão. Sacos de farinha e muitas lembranças trazidas do Brasil.

O macaco – «Quero desfazer-me desta navalha... O que é que me dás em troca?»

O Gabriel – «Um saco de farinha!»

A Soraia, ou seja, o macaco, aceitou e saiu repetindo – «Do rabo fiz navalha, e da navalha fiz farinha.»

Mas o saco era pesado. Muito pesado. E para que queria ele a farinha? «Não tenho água nem fermento para amassar um pão... Não tenho forno para o cozer!»

Voltou atrás e entrou na peixaria que também era do Gabriel e ficava ao lado do armazém dos secos – «Trocas-me a farinha por peixe?»

«Toma lá duas sardinhas...»

E o macaco, ou seja, a Soraia, a cantarolar – «Do rabo fiz navalha, da navalha fiz farinha, e da farinha, sardinhas!...»

Mas agora, era preciso lume para assar as sardinhas. Passou pela escola. Talvez encontrasse umas brasas.

A professora – «Brasas?...»

Não, não havia.

O macaco – «Então, sem brasas, para que quero eu as sardinhas?! Ó senhora professora, troque-mas lá!...»

E a professora – «Troco, pois! Leva lá duas meninas.»

O macaco – «Do rabo fiz navalha, da navalha fiz farinha. Da farinha, sardinhas. E das sardinhas fiz meninas!...»

Ai, mas as meninas eram umas chatas!

A Joana andava sempre a comer-lhe as bananas. E a Letícia falava-lhe num português com um sotaque tão estranho que ele nem a entendia.

«Tenho de me livrar delas!»

Nisto, uma banda de música pela rua abaixo... Toda a gente a vê-la passar, a ouvir-lhe uma cantiga do Chico Buarque.

O mestre da música – «Pedi-me este macaco para trocar duas meninas por uma viola. Troco, sim senhor!»

E o macaco muito, muito feliz – «Do rabo fiz navalha, da navalha fiz farinha. Da farinha fiz sardinhas, das sardinhas fiz meninas. E das meninas fiz viola. Ferrumfunfum que vou para Angola!»

Para Angola?

O Gabriel – «Para Caxias do Sul, nas montanhas do estado do Rio Grande. É no Brasil e fica longe do mar...»
Muito longe.

Filomena Marona Beja com Gabriel, Joana, Letícia, Promise e Soraia na Escola n.º 10 do Castelo.
Ilustração de Pierre Pratt.

A velha mosca chatarrona

«Sou uma mosca, pousada na tua boca / Pousada na tua boca / Ela estava nua / Parecia o paraíso / De tão bonita que era.» Sim, sou uma mosca muito velha. Tenho 49 anos. Também sou chatarrona. E gosto de cantarolar aquela melodia do Michel Polnareff. Tinha dois anos quando a descobri. Foi em Dezembro de 1972; tinha dois anos. A cena passou-se no Jockey, um café *in* da cidade de Amiens. Ia começar a chatear um consumidor de pastis, um velho com pele de absinto, olhar vítreo e uma penca corroída pelo anis. Estava eu prestes a pousar na nuca dupla dele em formato de rabo de hipopótamo quando a canção do Polnareff surgiu da *juke-box*. Fiquei paralisada de prazer. A minha veia mediana vibrou de gozo como uma onda eléctrica. Desde então, quando quero chatear, canto esta melodia; enche-me de coragem. Esta sexta-feira de manhã de 24 de Maio de 2019, estava eu a dar reviravoltas na sala de reunião da Casa das Crianças François-Libermann depois de ter pousado em cima dos pedaços de pão abandonados em cima da mesa e, a seguir, numa parede ilustrada com desenhos de camelos e de beduínos, e depois em cima do presépio poeirento ao fundo da sala (um local muito ecuménico!), quando vi chegar um tipo deveras estranho, um grande narigudo,

com olheiras debaixo dos olhos, uma barba de três dias, nada tolo, e duas cicatrizes no topo do crânio deplumado como o cu de um velho pelicano. «*Até que enfim! Eis a minha vítima!*», pensei ao mesmo tempo que continuava a assobiar a cançoneta polnareffiana. E recomecei a girar, a girar em torno da sua cachola, para o irritar. Naquele momento entrou um bando de jovens. Instalaram-se em torno da mesa e discutiram. Interessou-me aquilo que contavam. Acabei por sentar-me ao fundo da sala, deixei-me de disparates e ouvi. Apresentaram-se uns a seguir aos outros. Eram todos jovens recolhidos por instituições. Certas raparigas vinham da Guiné, uma do Congo outra da Costa do Marfim; um rapaz pequeno a quem o pai (que era fã da actriz) chamara Pacôme, confidenciou que se ocupava da horta da casa das crianças e que vinha de Fontaine-le-Sec; outro vinha do bairro da Esperança, em Abbeville. À tarde, quando Pacôme convidou toda a gente para fazer uma visita à horta, segui-os. Mais uma vez, estava muito calma. Fazia-me discreta: observava-os. O outro cromo com a sua cara amolgada, o velho mal barbeado, começou a observar uma cadeira de plástico que tronava à frente das sementeiras e, brincalhão, lançou à queima-roupa:

– É a cadeira do árbitro da horta, tal como no ténis! Conta os pontos quando as cenouras jogam contra os rabanetes.

Pacôme, as suas amigas e os seus amigos estavam mortos de riso. Instantes depois, foi a minha vez de me partir a rir quando soube que o velho estranho, mal barbeado, se chamava Lacoche. Um quase primo: esse bom do Jean de la Fontaine não falou já de nós? Sim, sim, da mosca do coche?



Philippe Lacoche com Aïssatou, Gemina, Théo, Korotoum, Pacôme, Fatimatou, Elysa e Bintia.
Tradução de Isabel Lopes Cardoso. Ilustração de Fraco.

Frango assado ou peixe do dia



A história passa-se no café do Império. Não o dos Romanos, nem o dos Ostrogodos. O Império de Napoleão. Toda a gente o sabe graças ao letreiro em forma de chapéu. Um bicórnio, chama-se aquilo. Um tipo apesar de tudo engraçado, esse tal Napoleão. É preciso ter uma fantástica confiança em si para partir à conquista do mundo com um chapéu tão ridículo. Ou então ser doido.

Quem não é doido é o Sami, que empurra a porta do café na companhia da Christèle, a sua conquista. Contaram-lhe que a galanteria exige que o homem entre em primeiro lugar. Por causa do perigo que poderia haver no interior. Velhas histórias que datam do tempo das tabernas onde as pessoas se trucidavam violentamente mal tinham bebido demais. Sami conhece bem o café do Império. Nada a temer aqui. Segura a porta à Christèle. Faz favor, minha querida. Obrigada, meu amor. O criado instala-os, entrega as ementas. Um aperitivo, talvez? Não têm dinheiro que chegue. Comer apenas. Sami encomenda um frango assado, Christèle, um peixe do dia. Comem, recusam a ementa das sobremesas, pagam e depois vão embora. Obrigado. Até à próxima. Foi a história de Sami e Christèle.

Mas podia ter sido a história de Gwen e de Maxime, de Philippe e de Évelyne, de Emma e de Romain... De namorados que se beijam com a língua ao comerem. E o criado, que os observa, diz baah. No entanto é belo duas pessoas que se beijam. Sim, mas não a comerem. Frango e peixe não é coisa que se beije bem em conjunto. Deixa um gosto esquisito na boca. E incomoda os clientes das mesas do lado. Então o criado pede-lhes que partam. Sem sobremesa. Assim aprendem a portar-se bem.

Ou então é a história de dois namorados que têm de ir apanhar o comboio. Comer depressa. Não há tempo a perder. E, sobretudo, não se beijem. É bem sabido: quem se beija muito, perde o comboio.

Como saber? Olho para o talão de caixa que acabei de encontrar no passeio. Comeram na mesa três, frango assado, peixe do dia, 21 euros e 80. Não foi caro... Comeram em *tête-à-tête*. Os namorados estão sós no mundo, é o que se diz. Eu cá tenho muitos amigos. Bem gostava de comer com alguém. Um amigo, uma rapariga. Escolheria peixe porque sou um pouco gordo, mesmo que não se note. Moro em Beaucamps-le-Vieux, na Somme, nos Hauts-de-France. Já fui a Inglaterra. Tenho muitos amigos e sonho com encontrar stars. Mas aqui não aparece nada disso. Podia fazer aparecer, no entanto, através da imaginação, a partir de um simples talão de caixa. Fazia aparecer a Emma Watson... Iríamos ao restaurante... Claro que estou a sonhar.

No fundo do talão está escrito: agradecemos a sua visita e desejamos um bom dia. Amachuco o talão, faço uma bolinha que lanço no primeiro caixote que encontro.

Sim, é assim, bom dia...

Jean-Claude com Émeline, Ethan, Gonzague, Hugo, Jessica, Maxime e Théo.
Tradução de Maria João Brilhante. Ilustração de Dominique Scaglia.

Um ponto e um fim

Tudo começou num minúsculo, invisível pontinho. Mesmo os pontinhos são coisas grandes para o começo que foi. Foi menor que um ponto, muito menor que tudo.

Realmente não sei, só sei que foi assim.

Passaram muitos anos, muitos anos mesmo e esse menor-que-ponto, quando morreu, passou a ser outro ponto qualquer e, de ponto em ponto, foi crescendo até se transformar nisto que a gente agora é: um ponto ainda, mas já grande e vacinado.

Quem nos viu e quem nos vê! – na verdade, a pedra foi a única que nos viu e ainda vê, e deixará de ver até que nos veja novamente quando formos a erva que cresce à sua sombra. Depois virá uma vaca qualquer e nós já seremos um pouco da vaca e isto é quase como andar de metro, entramos numa estação e saímos noutra. Porque uma coisa é certa, depois de sermos comidos, parte de nós vai fazer parte da vaca e a outra vai ter de sair numa estação para marcar o bilhete. Ou isso, ou ficam-me com as colunas que trago a alto som e sem música não passo eu.

Por falar em metro e em pontos e em gente que somos a viver, já repararam nos velhotes quem-manda-sou-eu? O metro vazio e desatinam porque querem logo o meu lugar. Quem manda sou eu! – resmungam. Vai um estouro, que quem manda sou eu! – grito.

Eu não: quando for velhote vou querer falar com gente da minha idade, dizer-lhes como era no meu tempo. É que estes só têm conversas que não têm nada a ver.

E passam a vida a cumprimentar.

E andam curvados sem se poder lavar.

E têm filhos que os tratam como cães.

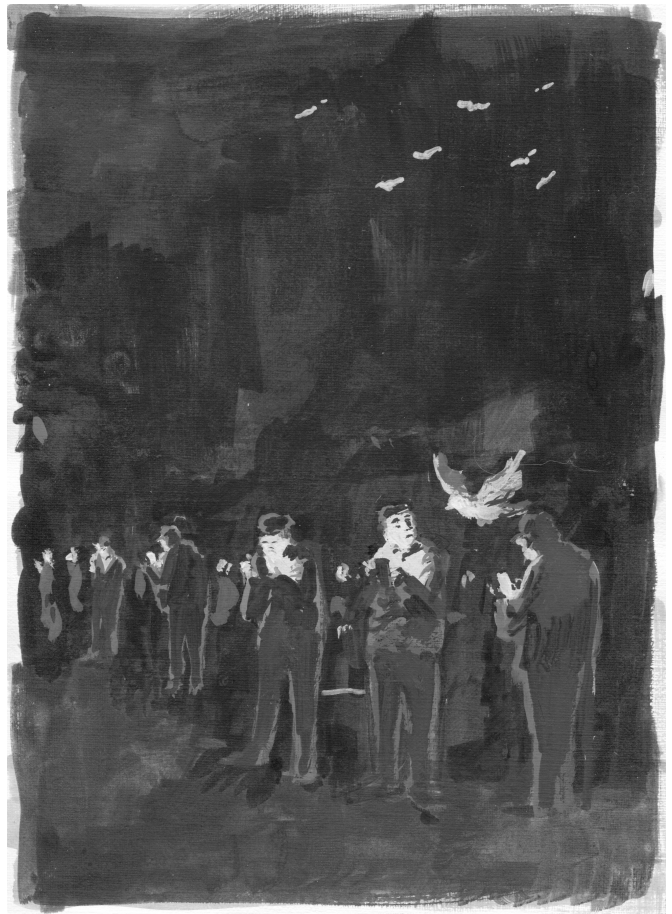
Eu não desejo a morte a ninguém, mas está-se sentado a beber cerveja e a mãe curvada, uma mãe curvada. A minha mãe não anda curvada.

Mas ai dela que tenha namorados. Eles olham e eu estou para estourar com eles. Mãe minha não tem namorados. O meu pai tem muitas, todas quantas quer, algumas melhores que outras. Mãe é mãe, não anda curvada nem se dá às curvas. Eu olho mas eu posso olhar, elas passam e dão que olhar, mas ai de quem olhe para a minha mãe. Casou com o meu pai, teve-me a mim, é essa a vida que tem de levar até ao fim.

Há países que os deixam morrer. Aos velhos.

Aqui passam a vida a sofrer, que é para o que a vida serve. Nascemos, morremos e, no meio, há esta vida. Depois há outra e eu não me importava de ser uma ave. Mas como vou saber que já fui pessoa? Se eu agora não me lembro do que fui antes de ser o que sou... por isso se diz que só há uma vida: mesmo que haja mais é como se não houvesse, só há aquilo de que temos memória, o resto é como se nunca fosse.

Resumindo, estamos aqui para deixar aos outros aquilo que comprámos e não chegámos a gastar e, depois de nós, deixam eles aos que vêm, e assim por adiante. É para isso que serve a vida, para as heranças.



Mas isto de ser velho não lhes dá direito. Nem torto. Ou mais torto que direito. Fila é fila e ninguém me passa à frente.

Só se pedir.

Aí deixa-se.

E até barro as portas para eles entrarem e vem o segurança e oferece-me porrada e eles ainda são mal-agraçados. A esses não barro mais a porta. Mas aos outros sim. Tenho tempo para dar o lugar e para barrar portas, tenho tempo para gostar do contentamento dos outros. Fui eu que dei o lugar e barrei a porta, arrisquei a vida por aquele pontinho, que me agradeceu.

Só por isso, tudo bem valeu.

E o segurança com cara de mau bem pode seguir a vida ameaçando, que a dele acaba como a minha, ou a tua ou a da mãe curvada. Tudo acaba no mesmo ponto da casa de partida.

Só a pedra continua parada.

Daniela Duarte com as palavras de André, Emanuel, Mateus, Paulo, Pedro, Ricardo, Rui, Rui Pedro, Tiago Armindo e Carolina Pires. Ilustração de Nuno Sousa, no CENFIM, por intermédio da Associação QUALIFICAR PARA INCLUIR.

Barco na noite, sala fechada

É um barco na noite. Ou serão três? Doze metros de comprimento, cem pessoas encostadas umas às outras, sem espaço para estender as pernas ou os braços, imobilizadas pelo medo, pelo frio, pela incerteza, vendo como desaparecem na distância as luzes da Líbia e depois só escuridão, o som das ondas contra o casco de plástico, os flutuadores que alguém encheu de ar, à pressa, umas horas antes. O Mediterrâneo: boca imensa, goela de água, abismo fundo. Maldito poiso de tantos mortos. Terrível cemitério das travessias. O barco na noite cruza os fantasmas de todos os destroços à deriva, de todos os naufragos. Os cem corpos apertados sabem que a morte está a um palmo de distância, mas preferem não pensar nisso, para quê pensar nisso, uma vez escolhido este caminho não há como voltar atrás, a bússola aponta para Norte, é impossível dormir, cada um reza por si e pela família a milhares de quilómetros, encomendando-se nas mãos de Deus ou de Alá.

O barco na noite é sempre diferente e sempre o mesmo. Agora leva o rapaz que trabalhou a terra desde que se lembra, foi aprendiz de carpinteiro e depois mecânico como o pai, em Abidjan, onde ao domingo jogava futebol com os amigos. Quando o pai morreu de doença prolongada, a irmã mais velha tornou-se o pilar da família. Quando a irmã morreu, ferida com golpes de machete que alguém lhe desferiu na rua, sem motivo, a família desmoronou-se. Mãe e irmãos voltaram para a aldeia. Ele preferiu ficar na grande cidade, de onde partiu com amigos para a Argélia, trabalhando como ajudante de pedreiro. Mais além, brilhava a grande miragem da Europa. Reunido o dinheiro necessário, enfiaram-se numa *pick-up* em direcção à Líbia, com dezenas de outros. Do lado de lá, são apanhados por rufias de Kalashnikov a tiracolo. Prisioneiros numa sala pequena, sempre às escuras, a pão e água salgada, perdem a noção do tempo. Passam dias, talvez semanas. Numa sexta-feira, aproveitando o momento das orações, atacam o guarda, que ainda dispara umas quantas rajadas no meio do tropel do cada um por si em correria louca. Meses mais tarde, vê o dia nascer sobre o mar, os cem corpos amarrados uns aos outros com as cordas do desespero, até que por volta do meio-dia um grande navio os encontra e os leva para Malta. Entrevistado por portugueses, confessa que não sabe nada, nada, nada sobre o país mas sorri com a perspectiva de ir para a terra do Cristiano Ronaldo.

Noutra noite, um rapaz de Korduvan sonha acordado, recordando a cabrinha *Ndjum*, a amiga que levava a pastar quando tinha quatro ou cinco anos. À sua volta, chora-se. África inteira a pairar nas águas.

Ele um dia quis ser professor mas acabou a trabalhar numa mercearia, a engolir o orgulho, a ansiar por uma vida melhor. Por isso, sobe até ao Egipto, fica dois dias no Cairo, deixa-se guiar por um amigo que conhece os esquemas da migração ilegal. Dez horas a pé até à fronteira da Líbia. A história repete-se: barco insuflável, estrelas, medo, escuridão, 130 corpos acordados, em silêncio. Itália no horizonte, um navio grande que os salva, Malta, e por fim Portugal.

O terceiro rapaz lembra-se das noites na aldeia, à volta do fogo, ouvindo histórias dos mais velhos, relatos de fazer rir vindos dos confins do tempo, formas de tornar menos miserável a miséria de todos os dias. Aos 15 anos, a ideia de ser professor de literatura desfaz-se devido a problemas burocráticos e a decisão impõe-se: «ou chego à Europa ou morro a tentar». Vende a única vaca da família e mete-se a caminho. Longa odisseia: Senegal, Mali, Argélia. E, depois de duas tentativas falhadas em Marrocos, a saída pela Líbia, ponta de um funil com tamanho de continente. A bordo, duas mulheres grávidas, uma de nove meses. Ao fim da manhã, o barco começa a esvaziar-se. Lá em cima, mesmo a tempo, um helicóptero às voltas. Mais adiante, um navio do Crescente Vermelho, a explosão de alegria quando toda a gente é recolhida, sem feridos a lamentar. Em Palermo, no campo de refugiados, explica que tem família em Portugal, um país que sempre foi o seu sonho, um sonho que depois de concretizado, diz ele, não o traiu. Os três barcos fundem-se na conversa em torno de uma mesa. Ou será só um?



Uma sala fechada. Ela está lá dentro e as paredes são feitas de palavras. As palavras que não sabe dizer em português, as palavras que uma aplicação do telemóvel traduz, de cinco em cinco minutos. Por entre risos, afirma que as suas histórias dariam para vários romances. Mas elas ficam presas no arame farpado que separa duas línguas. Como telegramas, sucedem-se os flashes. A vida antiga – quando geria dois talhos e uma loja de roupa, viajando pelo mundo (Grécia, Macedónia, Egipto, Israel, México, Sri Lanka) –, antes da guerra que fez de Donbass uma região a ferro e fogo, com tanques na rua, tudo de pernas para o ar, tudo reduzido a zero, o trabalho, os apartamentos, o futuro. E a vida ainda mais para trás: a infância em

Nikolaev, no Mar Negro, as aulas de engenharia, o trabalho como técnica de laboratório, o casamento e a filha, os anos como secretária de um centro de saúde e de uma escola de música, o fim da URSS, as crises que se seguiram. Como dizer tanta coisa com tão poucas palavras? Não se consegue. Não se consegue. No meio do caos da guerra, um amigo dos tempos da universidade convidou-a para este canto da Europa, a cinco mil quilómetros. O presente é ainda mais difícil de explicar do que o passado. Mas ela sorri sempre. E de cada vez que sorri a sala fechada abre-se um pouco mais.

A sala fechada de Leo é o seu stresse. Quando nasceu, no início deste século, em Maracayo, o povo idolatrava Hugo Chávez como se fosse um profeta. Os seus pais, pelo contrário, criticavam-no. E sofreram as consequências. O pai perdeu o emprego e a estabilidade, a mãe mergulhou em problemas emocionais. Tensão na rua, tensão dentro de casa: Leo fechou-se no seu mundo, alimentado a séries televisivas e livros de mangá. À noite rilhava os dentes, ninguém conseguia dormir. De dia permanecia no apartamento, por sua conta, quase recluso, a irmã mais velha já na sua vida. Um dia, a mãe explicou-lhe que o pai fora internado: cancro do fígado. O país em convulsão; o corpo do pai também. Depois de ficarem sozinhos, mãe e filho tornaram-se mais activos politicamente. Protestos, greves na escola, a gerarem perseguição por parte dos *colectivos*, grupos violentos de apoiantes do regime. À medida que a inflação galopava, multiplicavam-se os cortes de energia, as quebras no abastecimento de água, o número de pessoas a procurar comida no lixo. Quando dois homens de moto, sempre os mesmos e armados, começaram a surgir do nada a toda a hora, ameaçando-os, decidiram que era preciso ir embora. E foram. De Portugal, onde tencionam ficar por muito tempo, é ainda mais duro acompanhar o caos venezuelano. O ódio está no ar e em qualquer momento pode explodir, diz Leo. O stresse volta a montar o seu cerco, mesmo à distância.

A sala fechada de Solmaz é literal. Uma sala do aeroporto de Lisboa, onde ficou detida 25 dias, os piores de que tem memória. Tudo começou em Teerão, quando ela e outras mulheres decidiram enfrentar o poder político e religioso, renunciando ao *hijab*. Às quartas-feiras, tiravam o lenço e publicavam fotografias nas redes sociais, uma forma de luta não violenta a que o regime reagiu com violência. Bancária a fazer mestrado em Direito, a insubmissa Solmaz participa activamente e arrisca uma pena pesada, sabendo que quem luta contra o governo arrisca aparecer «suicidado» na prisão. Quando lhe revistam a casa, percebe que está em risco e foge a salto, pelas montanhas, com um velho montado num burro, até à Turquia. Viagem de carro para a Bulgária, a seguir de comboio para Atenas. Cortam-lhe o longo cabelo, mudam-lhe o aspecto, forjam-lhe um falso documento de identificação. A ideia é chegar a Lisboa e comprar bilhete para Amsterdão, em trânsito para a Alemanha. Mas em vez disso encontra o inferno. Agressões, labirintos burocráticos, um cartão telefónico de cinco euros que só dura 30 segundos na chamada para a família. Quando sai, esperam-na mais problemas e obstáculos, o SEF e a Segurança Social. Mas as más experiências não apagam a boa impressão que o povo português lhe deixa: «Há sempre alguém que responde quando pergunto: “pode ajudar-me?”» Ao fim de sete meses, começa a dominar a língua, a instalar-se, a melhorar a vida e a descobrir a sua força, depois da reclusão traumática que lhe deu cabo da saúde mental. A sala fechada do aeroporto é cada vez mais coisa do passado, memória negra por arquivar. E o Irão permanece uma fonte de tristeza e saudade: «Adoro tudo no meu país, excepto o odioso governo que torna impossível o meu regresso. Não vou voltar tão depressa. Mas continua a ser o meu paraíso.»

José Mário Silva com Ya Ya Koné (Costa do Marfim), 22 anos; Faisal Abdulaziz (Sudão), 24 anos; Ibrahim Camara, (Senegal), 18 anos; Svitlana Bilotserkivska (Ucrânia), 52 anos; Leonardo Oropeza (Venezuela), 18 anos; Solmaz N. (Irão), 26 anos, no Centro de Acolhimento para Refugiados da Bobadela do CPR (Conselho Português para os Refugiados). Ilustração de Rita Dias.

SETE CANÇÕES

de inclusão exclusiva



CANÇÃO DO FÁBIO

Homo faber, Fábio moço
Soldado da soldadura
Cada ofício tem seu osso
Sua dureza e doçura

*Que queres ser
quando fores grande?
Só quero viver a vida
e que ninguém nela mande...*

Ser lugar de venda e troca
Ser agente de permuta
Sair da fossa e da toca
Para a luta e a labuta

*Que queres ser
quando fores grande?
Só quero viver a vida
e que ninguém nela mande...*

Homo faber, Fábio airoso
Desfilando em passarela
Com roupas que me dão gozo
A vida é curta mas bela

*Que queres ser
quando fores grande?
Só quero viver a vida
e que ninguém nela mande...*

Ser conto e ponto de encontro
Ser tempo e ponto de vista
Ser quem arrisca e petisca
Ser uma luz que me vista

*Que queres ser
quando fores grande?
Só quero viver a vida
e que ninguém nela mande...*

CANÇÃO DA RUJA

Tenho medo das alturas
Tenho medo das baixezas
Tenho medo de ser mãe
E também das más surpresas

*Conduzir e conduzir-me
Eis o grande desafio
Mas por prudência nem guio
Nem à sorte me sujeito
Trocando as voltas à morte
Talvez me torne mais forte
Antes a falta de jeito
Do que a falta de respeito*

Tenho sonhos de vestir
Pesadelos de nudez
Cortar, coser, construir
Um dia de cada vez

*Conduzir e conduzir-me
Eis o grande desafio
Mas por prudência nem guio
Nem à sorte me sujeito
Trocando as voltas à morte
Talvez me torne mais forte
Antes a falta de jeito
Do que a falta de respeito*

Ter robots ou ter bebés
A escolha não faz sentido
Sou de luas e marés
Bicho orgulhoso e ferido

*Conduzir e conduzir-me
Eis o grande desafio
Mas por prudência nem guio
Nem à sorte me sujeito
Trocando as voltas à morte
Talvez me torne mais forte
Antes a falta de jeito
Do que a falta de respeito*

CANÇÃO DO FRANCISCO

Não confundo nem misturo
Cores, volumes e formas
Não me perco nem procuro
As normas dentro das normas
Pois serei animador
Num tempo desanimado
Colocarei no ecrã

Agilidade e destreza
Em bonecos que dos homens
Aprenderam o desejo
De proteger a beleza

Não misturo nem baralho
Alhos galhos e bugalhos
Nozes e vozes e poses
Gatos e lebres e lince
Pois serei animador
No mundo que eu desenhar
Bem longe deste lugar
Colocarei no ecrã
Figuras que falarão
O silêncio que eu transporto
Desde a primeira manhã

Não baralho nem revolvo
Memórias, sombras e linhas
Procuro maneiras minhas
Por caminhos que são meus
Pois serei animador
Num mundo cheio de imagens
Colocarei no ecrã
Lugares que só se descobrem
Quando os olhos estão fechados
E escrevem sem serem escravos

CANÇÃO DO ANDRÉ

Dentro do meu coração
Trago o mapa do Japão
Onde não fui mas irei
Pátria de computadores
De dragões e samurais
Kamikazes e bonsais
Mangas e outras coisas mais...

Viajar esquecer as dores
Inventar outros parentes
Perder-me por entre gentes
Ser gente entre faladores
De frases que não entendo
Amigáveis ou oponentes
Como nos jogos nintendo

Dentro do meu coração
Há Japão e Curdistão
Sudão, Butão, Paquistão
E habitantes do planeta
Sete vezes um bilhão
Alguns deles pr'aqui estão
Alguns bem longe outros não.

Dentro do meu coração
Abre seu leque um pavão
Sacode a juba um leão
Dormita um jovem sardão
E fez ninho um gavião
De solidão não me queixo
Mas de sobrelotação

Se porventura um ladrão
Assaltar este meu peito
Ladrarei e morderei
Com gana e raiva de cão
Pois quem manda no que eu sonho
Sou eu e não me envergonho
Da minha imaginação

CANÇÃO DO RAFAEL

Digam, ó mães deste mundo
Se a Rafael crescerão
As asas que o levarão
Até ao cimo do monte
A que chamaram Parnaso
E onde moram nove musas
Amantes celestiais
De proezas musicais.

Digam, ó mães de outros mundos
Se a voz de Rafael
A que deram de anjo o nome
Rasgará noites e dias
Matando a fome a quem ouve
Veloze como mil gazelas
E se há um anjo que louve
Seu canto profundo e aberto
Como poço no deserto

No céu há anjos guerreiros
E muitos mais brincalhões
Serafins e querubins
Arcanjos e anjos negros
Anjos da guarda aos milhões
Mas só há um Rafael
Capaz de curar o mal
Com a sua voz de mel

Digam ó mães deste mundo
E ó mães dos outros também
Ao ouvido de Rafael
Onde dorme e onde mora
A sua alma sonora
Embora ele pouco fale
Ainda que ele muito cale
Neste aqui e neste agora...

CANÇÃO DO ADAILSON

Zelar, cuidar e manter
Montar, instalar, dispor
Agarrar com duas mãos
O fio que a vida estende
Sem o largar nem romper

Tratar, travar, proteger
Armar, desarmar, cumprir
Guardar com unhas e dentes
Alguns sonhos já sonhados
E os muitos que estão p'ra vir

*Todos nascemos mutantes
Neste mundo em mutação
Todos nascemos migrantes
Num mundo de migração
Para mudar nos mantemos
Para migrar acolhemos
Almas de outro lugar*

Parar, reparar, compor
Confrontar e conferir
Com as garras resguardar
Os cantos vindos de longe
Que fazem delirar

Tocar, retocar, tingir
Repetir e repensar
Em pleno voo apanhar
Passados esfarrapados
Futuros todo o terreno
E o presente tão pequeno

*Todos nascemos mutantes
Neste mundo em mutação
Todos nascemos migrantes
Num mundo de migração
Para mudar nos mantemos
Para migrar acolhemos
Almas de outro lugar*

CANÇÃO DA TAYNARA

Eu Tainara moça e mãe
Tão moça e já mãe contudo
Dedico o meu tempo ao estudo
Para ingressar na polícia
Escolha quase radical
Pois entre o bem e o mal
Quero ficar de permeio
Combater o que receio
Corrigir o que é desvio
Defender o que aprecio

*Taynara nome tupi
Da grande estrela perfeita
E da esperança sujeita
Ao nosso saber esperar
Taynara luz nas alturas
Que brilhas nas horas boas
Mas também na horas duras
Soas a céu e ecoas
O som dos céus a pensar*

Mas será que engaiolar
Entre margens sobranceiras
O bravo caudal de um rio
Fará da água a espancar
Escola das boas maneiras?
Será que castigar ramos
A que chamamos ladrões
Fará com que a seiva louca
Ouça regras e lições
Em vez de ser livre e mouca?

*Taynara nome tupi
Da grande estrela perfeita
E da esperança sujeita
Ao nosso saber esperar
Taynara luz nas alturas
Que brilhas nas horas boas
Mas também na horas duras
Soas a céu e ecoas
O som dos céus a pensar*

Ninguém retire a quem sonha
A força do seu sonhar
Eu Taynara, moça e mãe
Busco no escuro vaivém
O alimento das estrelas
Que me pode transformar
Escancarando janelas
E abrindo de par em par
Portas que dão para um mundo
Sem algemas e sem trelas

*Taynara nome tupi
Da grande estrela perfeita
E da esperança sujeita
Ao nosso saber esperar
Taynara luz nas alturas
Que brilhas nas horas boas
Mas também na horas duras
Soas a céu e ecoas
O som dos céus a pensar*

**Regina Guimarães com as palavras de Adailson, André, Fábio, Francisco, Rafael, Ruja, Taynara.
Ilustração de SAMA no CENFIM por intermédio da Associação Qualificar Para Incluir.**

As regras do jogo

A vida está cheia de regras, e uma regra nem sempre tem piada. Mas como convida à transgressão, pode, ainda assim, ser divertido. Pode-se sempre brincar com as regras. É uma forma de brincar igual a outra.

A vida está cheia de jogos, futsal, pingue-pongue, vôlei, basquete, o jogo dos cavalinhos, o póquer do Théo. Os videojogos. Os jogos de faz-de-conta. O jogo das sete famílias.

Mas, cuidado, isto não significa que a família seja sempre um mar de rosas. A família é um jogo de faz-de-conta que nem sempre é divertido. Às vezes, somos filhos únicos, falamos com o cão, ele ouve... mas nunca responde. Noutras, temos muitos irmãos e irmãs, 4, 9, até 21, como a tia da Sabine. Deveria ter tido 22, teria formado uma equipa de futebol com suplentes. No Gabão, é o homem que tem muitos filhos, com 4 ou 5 mulheres, não com uma só com o seu único corpo!

O corpo também está cheio de regras. Sobretudo o da mulher, periodicamente. Mas não só, todos os corpos têm as suas leis, ou estão num certo estado. E o Estado do corpo é alguma coisa. Governa-nos. Pre-ga-nos partidas, o corpo. É bom ou mau jogador, depende dos dias, às vezes alguma coisa fica desregulada, e ficamos doentes.

É como a sociedade. Há «jogos de sociedade», o trivial pursuit, o dobble... mas será que a sociedade é um jogo? Não podemos virar tudo do avesso, senão também nos põe o cérebro do avesso, mas a sociedade é um jogo: de poder, de 4 em linha, ou 40 ou CAC 40.

Para brincar também há as palavras... A Céline faz boxe e o cão dela é um bóxer. Come um frango por dia. A Céline gosta de frango no espeto, mas não gosta muito de frangos de cassetete. A coelha da Mazarine está muito ligada, hiperconectada: come carregadores eléctricos, e o macaco da Karine, ele, come o Talbot da tia: os animais são burros, hã? A Sabine tem também um chinchila, uma bola de pêlos com nome de aperitivo, só que o Gin chila bebe-se, e o chinchila não se bebe. Também não se come. Não é um frango nem um coelho. Nem um Talbot.

A sociedade está cheia de pessoas com palavras, doces ou não: quando a professora diz «estás a remoer como uma vaca», ela é que é a vaca e ela é que nos está a remoer. As palavras não nos podem ficar na cabeça. É como os bebés. Há uma bebé que ficou dois dias entalada entre a vida e a morte, com a cabeça fora da mãe, o resto ainda dentro. A mãe está a ficar exausta, a bebé sufoca. Ao fim de dois dias, o médico pergunta, quem é que salvamos, a mãe ou a filha? O pai escolhe a filha. A mãe ouve, mas fica calada, coitada. A bebé ouve, mas não se cala. Grita. O grito propulsa-a para fora da mãe, e salva-as às duas. Com as palavras é igual, é preciso pô-las cá para fora para nos salvar.



Mazarine, Karine, Céline, Sabine, Théo, Hélène, Chantal, Isabelle e Ella. Tradução de Joana Cabral.
Ilustração de Fraco.

A contagem antes dos beijinhos



5, 4, 3, 2, 1... Quase meia-noite!
5, 4, 3, 2, 1... Bom Ano a todos !
5, 4, 3, 2, 1... VAMOS MORRER !

É o fim do mundo, nem mais, não há volta a dar, cai o pano, nada a fazer!
Não há escolha, está tudo errado. Basta olhar à nossa volta.
A terra zanga-se.
As estrelas apagam-se.
O sol treme.
O mar sobe e os gelos derretem.
Vamos morrer, pois. Vamos acabar afogados, queimados, petrificados, estratificados, congelados, retalhados, mumificados.
Vamos morrer, pois!
Vai-nos cair um cometa em cima, um ciclone vai-nos despentear, vamos levar com uma bomba nas trombas.
5, 4, 3, 2, 1... Estamos mortos.
5, 4, 3, 2, 1... E não somos só nós.

As abelhas devoram inseticida, os orangotangos empanturraram-se de Nutella, os rinocerontes vendem os cornos aos chineses, os ursos polares morrem de fome, os lobos usam dentadura e os licórnios escarram lantejoulas.

5,4,3,2,1... Vamos morrer, e não é de riso.
5,4,3,2,1... Vamos apodrecer, vomitar, dormir para sempre.
5,4,3,2,1... Vamos...

Eu, eu não quero morrer, mesmo nada. Quero beijinhos, quero a minha cara colada à tua à meia-noite. Quero gargalhadas e champanhe. Não quero contar o tempo que estoira.
Para isso, é preciso deixar de poluir, de consumir, de acreditar nos políticos que são os piores menti-

rosos. É preciso também deixar de produzir, de comer demais. É preciso saber partilhar, saber dar.

É preciso quase parar de respirar.

E abrir os olhos, admirar em silêncio, olhar o céu, a flor, a abelha. É preciso também ver o amor nos olhos dos outros, agarrá-lo, saber dá-lo.

5, 4, 3, 2, 1... Não, não desejo morrer.

5, 4, 3, 2, 1... Nem desejo sobreviver.

O mundo seria muito feio sem os meus amigos, o mundo seria muito triste sem a Lucia, a Jeanne, a Faustine e a Julie. E depois, se já não houvesse mundo, com quem é que eu passaria toda a noite ao telefone?

A quem ia o Killian molhar com a sua garrafa de água»

Não, amigos, paramos aqui a contagem, esqueçamos os segundos, o tempo morre e nós vivemos.

5, 4, 3, 2, 1... Ouçam o riso das crianças à beira do rio Somme.

5, 4, 3, 2, 1... Ouçam os ricochetes nas batalhas de água.

5, 4, 3, 2, 1... Ouçam os nossos sonhos, o sonho das nossas vidas, e deem-nos tempo para os viver.

5, 4, 3, 2, 1... E só para vocês, para terminar. e também vos fazer rir, ouçam esta cantiguinha que nós adoramos : «Baby Shark».

5, 4, 3, 2, 1... E muito obrigado por nos deixarem a terra em bom estado antes de sair da sala!

Texto de Samuel, Maurine, Quentin, Cylia, Jeanne, Lucia, Faustine, Julie, Killian, Aude e Pascal do Collège D'Ailly-sur-Somme. Tradução de Joaquim Beja. Ilustração Fraco.

Água, Ervas, Árvores

**Três narrativas e uma canção do grande,
do enorme, na realidade do Maior livro da Natureza.**

1

Ao voltar da guerra, Glória em Combate cruzou-se com um arbusto de rapônzio que a fez sangrar do dedo por tentativa de furto da flor.

Poder-se-ia pensar que Glória em Combate, tão dilacerada em todas as batalhas, nem sentiria a simples arranhadela de um espinho. Mas vá-se lá saber porquê, começou a berrar de um modo aterrador.

Aquele que Carrega o Louro encontrava-se a alguns quilómetros dali, debaixo de uma cerejeira pejada de frutos. Ensaiaava a declamação do discurso que faria no dia seguinte em honra de Glória em Combate. Ao ouvir o grito correu rastejando. No caminho colheu três folhas de plátano. Mastigou duas e fez um emplastro. Ao chegar aplicou-o no dedo da ferida em torno do qual enrolou a terceira folha, à laia de penso. Glória em Combate ganhou assim um anel verde que surtia o melhor efeito.

2

Flor dos Campos gostava de contar à sua filha, Jovem Rebento, que as suas avós, uma alemã, a outra italiana, tinham crescido em ricas propriedades no estrangeiro, no meio de Lírios e de outras flores chiques. Jovem Rebento ficava verde e retorquia com a morgue típica dos adolescentes: «E depois, que tem isso? Há-de valer-nos um belo caule!»

Luz, a sua madrinha, passou por ali um dia:

– Não sei se os caules são bonitos, em todo o caso ilumino-os todos da mesma maneira, quer cresçam nos campos, nos muros ou nos jardins do Palácio do Eliseu!

3

O Rio Jordão amava apaixonadamente Margarida, uma flor que se enraizara nas margens do lago Houlé. Rolando as suas águas do monte Hermon até ao Mar Morto, todos os dias atravessava o lago e enrubescia ao passar por ela sem ousar declarar-lhe o seu amor.

Pelo seu lado, Margarida também não dizia nada. Durou o tempo que duram as flores até que um dia, ao cair da noite, deixou cair as suas pétalas como tu te desfolhas antes de te ires deitar. Espalhou as suas sementes de bebés-margaridas e esvaneceu-se na natureza.

No dia seguinte, Jordão, ao passar pelo sítio onde crescera a sua amada, encontrou um tapete de mio-sótis – aquelas flores azuis que em inglês se chamam *Forget Me Not*.

4

Qual libélula desfalecente
Pouso no alto de uma magnólia
Tenho soluços emito «hiques»
Despenho-me, acabou-se a folia

Qual joaninha lógica
Sobrevoo a matemática
Quem quiser contar pontos,
Saiba que são sete como os anões do conto

Qual alforreca resplandecente
Derivo ao sabor da corrente
Mar Mãe, Pai, Océane, Oceano náutico:
Todos agradam ao animal hidráulico!

Qual escaravelho simbólico
Levanto voo mal me tentam apanhar.
Quem ama quer agarrar... Raio de tique.
Sou o Sol, sou a Vida, quero voar!



Claire Ubac com Maxence, Lilou, Laurent, Élodie, Chloé, Jordan, Lucie e Océane.
Tradução de Isabel Lopes Cardoso. Ilustração de Fraco.

As nossas ruínas perto de uma flor arruinada

Na orla da floresta, uma mulher em fuga encontrou um homem de joelhos perto de uma flor arruinada, com o caule dobrado e com as pétalas crispadas. Ao cruzarem o olhar, compreendeu que, tal como ela, ele fugia das ruínas.

– Que tem ela? Faz-me tanto medo!

– É apenas um simples Narciso, sofre, vê? É preciso cuidar dele.

A mulher ajoelhou-se ao pé dele.

– Mas como?

Curar é encher de afecto e de palavras o que foi invadido pelo medo e pelo silêncio. A natureza encontrará a sua solução.

Eles contemplaram-no, tocaram nele limpando-o dos seus parasitas :



- Nunca te vi, não tens ar de ser um homem como os outros.

- Cresci perto das minas, num campo cheio de cadáveres e de recordações de guerra. Devia fazer o serviço militar. Achei normal escapar e escondi-me do mundo. Quando regresssei, fui condenado à prisão por deserção. Desde então vivo perto das flores, como um rejeitado, à margem do olhar dos outros. Mas isso não me pesa, não posso viver de outro modo, e assim até sou feliz! Fala-me antes de ti, porque estás tão trémula e arruinada? Um homem duro?

- Não, um imundo.

- Ah!

- Bateu-me, violou-me, mergulhou-me em pesadelos tão profundos que ao acordar sentia-me suja ao ponto de ter de me esfregar muito debaixo do duche. Matou uma parte da minha vida, mas não a minha vontade de viver. Cansada das suas ameaças, safei-me, caminhei muito tempo. E aqui estou eu, frente a uma flor que me assusta só de a olhar, porque foi justamente um Narciso que me fez sofrer. Não merece curar-se.

- Hmmm... porque não? Um Narciso tem o seu carácter, para cuidar dele não é preciso ter medo, apenas retirar-lhe tudo e torná-lo dependente dos outros. Este, por exemplo, que poderia fazer sem nós?

- Fazes-me rir, as palavras não curam nada.

- É verdade, a palavra não é tudo, há todas as outras linguagens em que não pensamos, que podem cuidar.

A mulher desatou a rir:

- Mas tomas-me por um médico?

- Não, os médicos não podem calcular a percentagem de esperança, enquanto eu...

- Basta! Estás a delirar?

- Ah! Acreditas? Eu há muito tempo que deixei de acreditar que não somos mais do que cérebros. Prefiro sentir as coisas, em vez de as analisar.

Então, tomada por vertigens, a mulher lançou o seu grito de guerra, cuspidos nós tão apertados que o homem teve de fechar os olhos e cuspir também os seus para não fugir e continuar a ficar ao pé dela. Libertados do sentido do tempo, confrontaram as suas ruínas sem fazerem uma hierarquia da dor, falando, gritando, chorando e, finalmente, sorrindo.

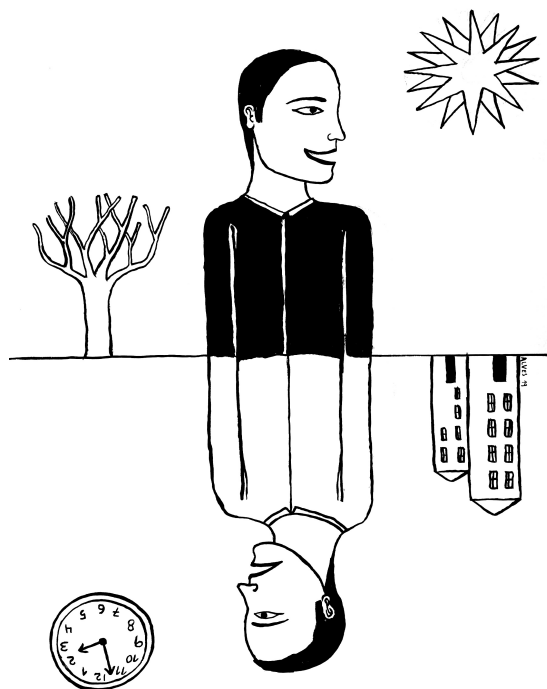
Era quase noite, quando o homem se inclinou sobre o Narciso e exclamou:

- Olha!

O caule erguia-se de novo, as pétalas, reconhecidas, fechavam-se, sedentas de repouso.

Desaforismos em família

A lealdade não se olha a dente.
O pior do amor é a parte da dor.
A conquista é a cegueira do ponto de vista.
A esperança é mais forte do que a segurança.
A tristeza nem sempre come sozinha e nem sempre se recusa a pôr a mesa.
A maior ilusão dá-se quando a luva finge ser a mão.
A desonestidade atinge, à nascença, a maioridade.
A leveza do ser sente bem o peso que a faz descer.
Quanto ao compromisso... eu já penso nisso!
O verbo resmungar conjuga-se sempre com terceiras pessoas a rezingar.
Aceitar é temperar a salada com mais azeite e menos vinagre para questionar.
Detestar é bater com a mão na testa para lembrar aquilo que passa com a festa.
Difícil de engolir é a facilidade em demolir.
Saborear uma rima, é ler com raspas de prazer por cima.
Respirar é obrigar o ar a sair e a entrar sem tempo para reclamar.
Às tantas, o frio derrete no calor das mantas.
Falas e dizes sem sair daí: já ouvi falar de ti...!
Não te queiras apressar, não faças a viagem de roda no ar.
A tecnologia está sempre em dia e garante que o zen cabe numa pen.
Antes que apanhes uma coça, deixa andar o cão, que a cadela não é nossa.
Quem se mete na toca, mais cedo ou mais tarde fritará a pipoca.
A casa que me nasceu no antebraço, quero tê-la na mão, com vontade de aço.
Fumar um carro, fumar uma casa, congelam e queimam no frio da brasa.
Quando o cavalo não quer andar, deixa-o burrear.
Ou me vens mimar ou vai-te catar.
Não me venhas com deuses nem com demónios: não me queimes os neurónios.
É uma questão de bonecos mas... psevericos são matraquilhos ou matrecos?
Nem água vem nem água vai, para que te mantenhas em standby.
Mano a mano se esconde o pior tecido com o melhor pano.
O eterno cansaço dá inchaço ao interno descanso.
Tá tudo controlado: até já acordo comigo do meu lado!
Tanto se me dá como se me deu: o que tu queres sei eu!



Ora escuta, ora vê: os americanos o quê?
O rapaz afinal era um senhor muito bem capaz de paz interior.
Qual foi a última vez que sol se pôs? ... Outra vez arroz?
Caminho a correr, entre isto e aquilo, tranquilo como o esquilo.
Umaz vezes depressa, outras, devagar, só me apetece uivar.
Quem melhor caça mais fracassa.
Não gastes balas a disparar... deixa-os poisar!
Comer o pão que o diabo amassou deu-me um alçapão para aquilo que sou.
O que começa por ter um palco cheio de gente, acaba por ser uma cena diferente.
O silêncio de vida é mais forte do que o silêncio de morte.
E que a peça que falta não impeça a malta!

Emílio Remelhe com Armando, Bruno, José, Manuel, Miguel, Manuel, Paulo, Pedro, Renato, Rosário, Rui, Sandro e Valdemar e João Alves na Comunidade Terapêutica da Ponte da Pedra.

Sei os nossos gritos de cor

Quando nasci, gritei. Estava lá a mãe e a minha tia. O pai já lá não estava.

Depois, vivemos em aldeias. Seis. Todo um festival. E lá dentro, as nossas casas. Daquelas com muito barulho. Daquelas com jardim, poucas. Daquelas com silêncio.

Seis casas.

Na primeira, os meus pais separam-se. Bruscamemente. Estavam lá e depois já não estavam.

Na segunda, com certeza, poderiam ter voltado a juntar-se. Eu bem esperava. Mas não o fizeram. Não me atrevia a falar, escondia os CDs que me metiam medo. Não lia nada. Esperava. Leva um tempo dos diabos, esperar. Esperar demasiado consome o coração.

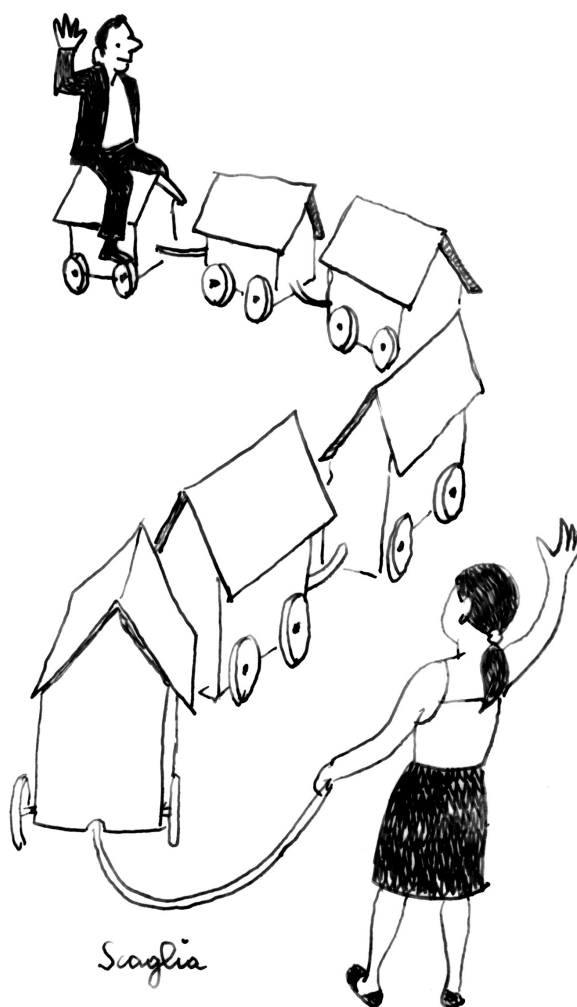
Na terceira casa, ia jogar à bola para estar sozinho com o avô, no nosso jogo e no nosso silêncio. Era bom, o vento nas orelhas quando corria, sem pensar, sem ouvir mais nada senão os gritos de alegria do avô, que me chamava.

Na terceira casa, voltei a conhecer os gritos de alegria. Na terceira casa, voltei a ouvir o meu nome.

Foi na quarta casa que veio o meu meio-pai. Voltei a ler. A ler. Não a escrever. As histórias dos outros confortam. Entramos lá dentro e tecem um casulo de palavras, suavizam os ângulos todos e voltam a coser o mundo. Lia para mim. Mas não escrevia. Escrevia para os outros, para agradecer, para confortar, para mostrar que sabia.

E então foi esta a minha quarta casa. A minha quarta casa foi a mais bela, a mais doce, a mais frágil. De telhado vermelho, morena da terra e dos livros, todas as cores do jardim. Toda gentil e quebradiça.

O meu meio-pai foi-se embora. Bruscamemente. Estava lá e depois já não estava. Fechei os livros.



Já não sei qual foi a quinta. Já não sei como falar do silêncio. Das camadas e camadas de silêncio cá dentro. Lembro-me só de ter aprendido a gritar sem barulho, a boca toda redonda e o impulso travado na garganta.

No tempo de seis casas, tive tempo de conhecer todos os gritos.

O grito de quando me zango porque a minha irmã brinca com os meus brinquedos. O grito de raiva quando o meu irmãozinho se salva da estrada dos carros. Isso, é o grito de raiva que salva. O grito de medo quando o meu cão morde.

Agora sei os nossos gritos de cor.

No tempo das nossas seis casas, para o dia da mãe, tive de aprender a fazer dois postais. Do mesmo tamanho, exactamente, e, em cima, o mesmo coração, exactamente. Que ninguém tenha ciúmes.

Pensava que, se os meus pais tivessem ficado juntos, teria podido inventar: fazer um maior para o meu pai, depois um maior para a mãe. À vez. –

E ela diria:

– Ai é assim? Gostas menos do pai?

O pai abraçava-me e ríamos os três.

Eles não se teriam zangado.

Na última casa, o meu pai voltou. Bruscamente. Não estava lá e depois estava.

Agora já sei.

É preciso seis casas para fazer voltar um pai.

Nadine Brun-Cosme com John, Swan, Sullivan, Noelyne, Lindsay, Victor, Alban, Nathalie.

Tradução de Mariana Vieira. Ilustração Madeleine Scaglia.

A revolta dos Coletes «amarelinhos»!

- É a tua vez de jogar!
- Que engraçado, este jogo do Cereal Killer.
- Fecha a boca senão o teu nariz vai «kai» !
- O que é que disseste?
- O teu nariz, vai cair...
- Mas porque é que dizes isso?
- Porque «vai kai, se continuares a fazer batota».
- É verdade que o tempo está pesado... hoje ainda chove!
- Vá lá, desafia-me!
- Do que é que estás a falar?
- Fala-me dos direitos da criança...
- Os direitos da criança? Isso existe?
- Bem, sim, é como os direitos do homem... Vá, rápido.
- E então os direitos das mulheres?! Elas deveriam ter mais poder, as mulheres... Qual é a tua história de menino-mimado, diz lá?
- São as «Cem mil Expressões». Três dias que serão dedicados aos direitos da criança, nos próximos 27, 28 e 29 de junho.
- Poderemos finalmente exprimir-nos.
- Para dizer o quê?



- Que queremos fazer o que bem nos apetece!
- Isso é impossível!
- Nada disso, quer sobretudo dizer que os adultos não têm o direito de fazer connosco, os menores, o que lhes dá na real gana.
- Por exemplo?
- Enganarem-nos, fazerem-nos beber álcool, ou não nos apertarem o cinto de segurança.
- E fazem coisas bem piores!
- O quê?
- Não têm o direito de me molestar ou de abusarem de mim...
- Queres dizer sexualmente?
- Tu percebeste bem...
- É verdade que não nos ouvem, a nós, às crianças. Dizem-nos sempre que somos muito pequenos para compreendermos. Como se fôssemos estúpidos! A minha mãe nunca me ouve!
- O que é que achas que é preciso fazer, na tua opinião, para que ela te ouça mais?
- Puxar-lhe as orelhas!
- Não, a sério! Se te ouvissem, o que é que tinhas para dizer?
- Que queremos mais liberdade e fazer mais desporto! Na natureza...
- Desporto?
- Yaa, poder fazer desporto sempre que me apeteça... e respirar em paz.
- Eu queria poder partir tudo!!!
- Eu queria viver sem os meus pais!
- Eu gostaria de insultar as pessoas...
- Alguém em particular?
- Emmanuel «Macarrão»!

- Se pudesses falar com o Presidente, o que é que lhe pedias?
- Que se demitisse! Se não ainda o comia...
- Eu gostaria de andar sozinho e de nunca mais ir à escola.
- E então como é que fazias para aprender?
- Brincava... sem caderno, só com computadores e sem professora! Só existiriam recreios!
- Mas têm que existir regras, senão é uma grande confusão!
- Uma anarquia, queres tu dizer?
- Exacto, vai correr mal!
- Mas tu és surdo, ou quê?
- Eu sonho em ter uma moto de campo e um Porsche!
- É mesmo isso que estava a dizer: os motores deixam-nos surdos!
- Não são apenas os automóveis que nos deixam surdos...
- Eu gostaria de comprar todos os livros que quisesse. Um livro pode ser perigoso: até arrepia.
- Eu uma vez chorei porque os meus pais estavam a gritar muito.
- Pois, gritam quando já não conseguem comunicar...
- Vê bem, eu ouvi a minha mãe a ligar à sua própria mãe, é de doidos...
- E depois?
- «Xinta na sufa e fitxa boka», como diz o meu papá.
- Isso quer dizer o quê?
- Cala-te e joga!

Texto de Guillaume Chérel, com palavras de Shaïna, Zellal, Sofiane, Rayane, Wissam, Noah, Mathéo e Christale, crianças do bairro d'Elbeuf, com a preciosa ajuda de Océane, da sua irmã Maeva, sem esquecer Corine Roussel, da associação Cardan. Tradução de Rui Teigão. Ilustração de Dominique Bui.

No mostrador do Cardan

O encontro estava marcado para as 9h30, em frente da sede do Cardan, em Abbeville. A Lœtitia, a minha acompanhante, e eu chegámos dez minutos atrasados.

Mas ao mesmo tempo, ou mesmo a tempo, ninguém nos esperava à porta da sede.

A Lœtitia telefonou a uma das três mulheres que deviam vir.

- Onde estão?

- Estamos na paragem de autocarro...

- De que autocarro?

- Bom, da camioneta... A que nos levará a Amiens.

- Mas isso é amanhã. Hoje é na sede de Abbeville... - diz Lœtitia, acrescentando - não saiam daí, vou buscar-vos.

E volta a partir, dizendo que precisa só de um quarto de hora para ir, ida e volta, dali à paragem da camioneta e que eu que vá fazendo café enquanto espero.

É o que faço.

Elas chegam. O café está quente. Elas são duas, com o Octave. Depois, também ela atrasada, chega a terceira. Explica-nos logo que tinha de fazer uma análise de sangue por causa de uma doença rara para a qual a ciência ainda não tem remédio: a sarcoidose.

- Uma doença que me consome! - diz ela - Sou gorda, como vêem, no entanto, como normalmente, mas estou cheia de água por causa da cortisona.

Diz sem o mínimo embaraço.

Um anjo passa, nós bebemos os nossos cafés, e o Octave adormece. No seu carrinho, faz hoje dezoito meses.



Ah, o tempo!

Cada uma conta um pouco da sua vida.

- O meu filho está na prisão... Não sei por quanto tempo, deverá ser julgado em breve.

E os turnos na fábrica, e a máquina do ponto, e autorização de residência por dez anos.

E estes três meses em que me cortaram o RSI, fiquei sem nada.

- E eu? Nem vão acreditar, mas, por causa de cinco minutos de atraso durante uma formação de nivelamento, fui insultada por uma estagiária. Não disse nada, mas ela recomeçou. A passar-se, desta vez, insultou a minha mãe e a minha família. Uma louca! Dei-lhe uma bofetada. A formadora do estágio fez um relatório e fui eu que apareci como pessoa agressiva. Tornou-se uma perseguição pesada, porque os meus empregadores contactavam a directora da formação que lhes dava esta imagem de mim.

E depois, todas três, com as suas histórias forçosamente diferentes, tiveram CTFs., sim, contratos a termo fixo. Esperando ter um dia um CTI. «I» de «indeterminado».

Tic tac, tic tac... No mostrador do Cardan, o tempo escoa-se. Daqui a pouco teremos de nos deixar. O fim do nosso breve encontro.

Mas o que são todas estas histórias do tempo, de que estamos sempre a dizer que passa demasiado depressa?

Quando o tempo não passa, somos nós que passamos.

E porque é esta passagem, curta ou longa, daquilo a que chamamos existência, por vezes, tão execrável?

Um anjo passa. Silêncio.

E uma delas, em jeito de conclusão, enquanto o Octave acorda, salta para me dar dois beijinhos:

- Todos os dias a aprender!

- Sim -, digo eu, a infância é longa.

Alexandre Dumas, conhecido como Charly, com Malika, Nadine, Téné e Octave, Lœtitia.

Tradução de Mariana Vieira. Ilustração de André Zetlaoui.

Ó chefe, tem lume?

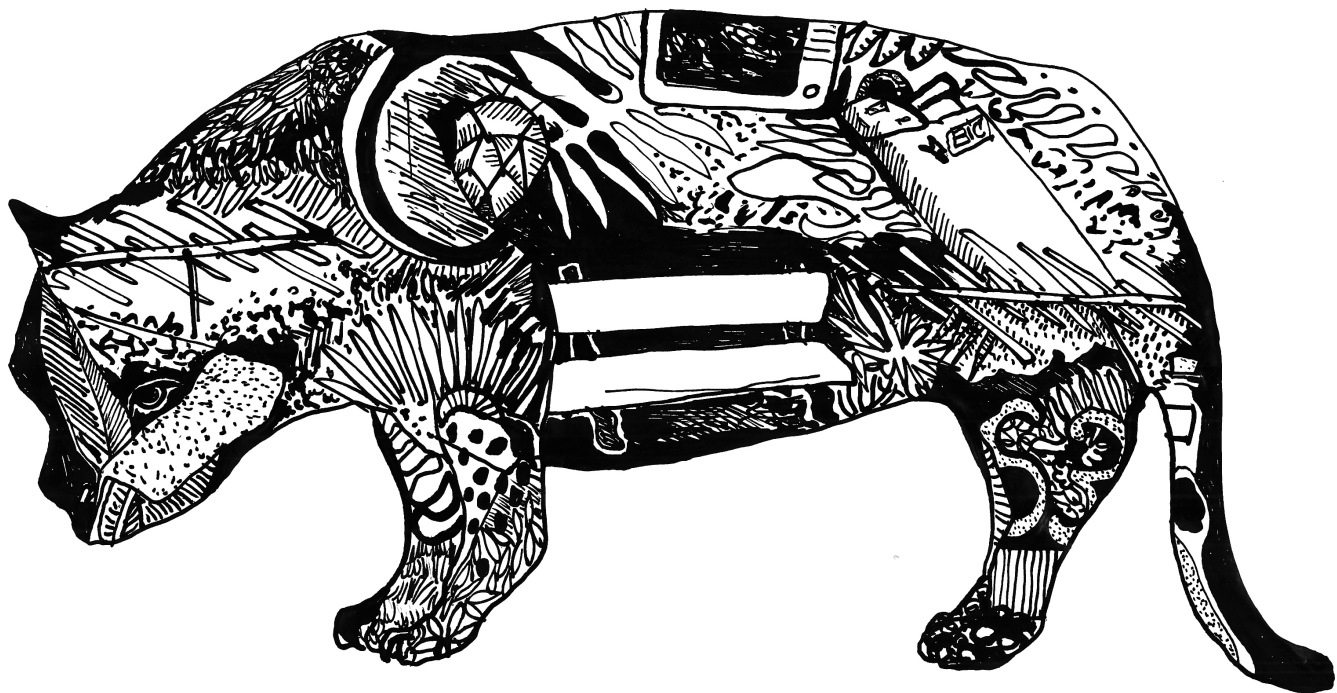
Quero dormir, não quero acordar.

Eu, em acordando de manhã, estou bem.

Todas as pessoas sofrem de maneiras diferentes, umas sofrem de uma maneira, outras sofrem de outra. Umas têm família a mais, outras não têm família, e o Capricórnio tem os seus predicados. Fui à escola primária, secundária, aos escuteiros. Andei com o meu pai a montar antenas de televisão, a passar pelos sótãos das casas dos outros, a ver as coisas mirabolantes que as pessoas guardam nos sótãos. Ricos e pobres ligados pelas antenas, ligados pela força maior de ter uma televisão na sala de estar. E nós de sótão em sótão, com as antenas que captam os programas que vão dar ao serão. Comecei a trabalhar aos 14, aos 16. Na Cidade do Cabo lapidei diamantes. Brilhantes. Muito próximos de mim através da lupa, mas iam para longe, apanhavam o avião para a Bélgica. Andei nas minas de carvão das Astúrias. Em Barcelona não havia trabalho nos estaleiros, era boato, e voltei a pé e à boleia. O meu cunhado não me pagou na agricultura, fui servir às mesas na cidade. As obras são para os pretos e para quem as apanhar. Quando não há, não há para ninguém. Saí de casa dos meus pais aos 16, fui para a rua. Não sou arruaceiro, sou ruaceiro, andei sempre na rua atrás da minha rebeldia, na rua, a dormir nos bancos de jardim. E em camaratas, barracas, atrás do expediente, biscate. Não há trabalho. Cidadão invisível: dez anos na rua e ninguém me viu, quinze anos na rua e ninguém me viu. Quando saí da rua para os centros de apoio fui batizado pela burocracia e tive um número. A burocracia é a minha madrinha, nunca me visita e sempre me quer perto. Se eu não comparecer à hora de chamada, acaba-se o apoio, e se falta o dinheiro, tem que se abdicar de um vício: o café ou o tabaco.

Quando tentei fazer o futuro, não consegui.

O futuro andava a monte, foi agarrado. Tinha um cinturão de fogo de artifício atado à anca e um isqueiro na mão. Foi detido e limpo dos artifícios. Recebeu ordem de extradição. Chegou e foi metido num tanque. Antes, descascou-se a ferrugem e deu-se uma aguada de cimento no interior do tanque para o futuro não entrar em contacto com o presente. Depois, um futuro foi distribuído por toda a gente boca aberta, às colheradas, como se fosse óleo de fígado de bacalhau.



Nuno Milagre com Humberto Tavares, João Gonçalves, Paulo Pinheiro, Israel Vieira, José Carlos, Luís Carlos, Sérgio Edgar, Fátima, Orlando Henriques e Graça Costa no Centro de Apoio Social de São Bento. Ilustração de Bárbara Assis Pacheco.

